

Os Cristais do Amor como Sentimento de Educabilidade Ambiental

Luciana R. Arrial¹

Resumo

O interesse deste artigo é refletir sobre o sentimento do amor como um cristal para a educabilidade ambiental, participativa, sonhadora e afetiva, inserido no projeto de edificação de um mundo possível. Neste sentido, destaca-se a contribuição do filósofo Gaston Bachelard e o imperativo desafio de nos orientarmos guiados pela luz que hipnotiza o olhar.

Palavras-Chave: Educação ambiental; amor, vida.

Abstract

LOVE CRYSTALS AS A FEELING OF ENVIRONMENTAL EDUCABILITY. This paper aims at reflecting upon the feeling of love as a crystal for participative, dreamy, and affective environmental educability, thus, inserted in the project to construct a possible world. Both the contribution of the French philosopher Gaston Bachelard and the urgent challenge of guiding us by the light that hypnotizes our look are emphasized.

Key words: Environmental Education, Love, Life.

A pedra bruta

Uma relação harmoniosa com a Natureza só ocorre se tivermos, no mínimo, a vontade e o desejo de compreendê-la verdadeiramente. Se, ao contrário, comandamos situações sem significados, entramos numa relação de conquista e não de diálogo. Dessa forma, ao referir-se à psicologia do amor, Bachelard salienta a projeção psicológica, pois conquistar uma alma é projetar sua própria alma.

O olhar poético pode aprender enquanto metáfora da vida sempre a correr num cenário natural, enquanto o modo prático de enxergar provavelmente se porá a investigar possibilidades de ali ser construída uma ou outra simples alternativa, sem qualquer potencial criador.

Nietzsche *apud* Duarte Jr. (2006: 98) diz que:

“A primeira tarefa da educação é ensinar a ver. É a primeira tarefa porque é através dos olhos que as crianças pela primeira vez tomam contato com a beleza e o fascínio do mundo. Os olhos têm de ser educados para que a nossa alegria aumente. Os olhos das crianças não vêem “a fim de”. Seu olhar não tem nenhum objetivo prático. Elas vêem porque é divertido ver.”

Dessa forma, a Educação Ambiental é como um processo no qual o sujeito possa assimilar os conceitos e interiorizar as atitudes mediante as quais adquire

os comportamentos que lhe permitam compreender então, e julgar as relações humanas sonhadoras de interdependência, ou seja, o amor.

Grün (2007: 165) nos fala sobre a educação ambiental que “por sua vez, constitui apenas um dos vários modos de tratar das consequências da vida contemporânea. O respeito pela outridade da Natureza implícito em tal processo poderia, por sua vez, despertar novas formas de solidariedade e respeito pela outridade do Outro”.

E mais: “nós iremos aprender sempre e novamente através da experiência com os nossos próprios preconceitos, a outridade do outro em seu ser outro. Participar com o outro e ser uma parte do outro é a melhor coisa que nós podemos almejar” (Miguel & Nicholson, 1992, p.235).

As consequências de tal pensamento são de enorme significância, pois sonhar e criar possibilidades através do amor significa que precisamos aprender a estar com outros enquanto seu outro; precisamos aprender a viver com outros enquanto outros de nós mesmos, pois: “o pormenor de uma coisa pode ser o signo de um mundo novo, de um mundo novo que, como todos os mundos contém os atributos da grandeza.” (Bachelard: 1993: 164).

¹ Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Campus Carreiro, Pavilhão 4, Sala 414, 96201-900, Rio Grande/RS – Brasil. ccpedamb@furg.br.

Entende-se que talvez seja o momento de se imbuir no instinto proposto por Bachelard e tentar entender o que se constitui em uma via de inteligibilidade para este novo mundo que se ergue diante de nós e o que o amor tem a ver com a linguagem da educabilidade ambiental, admirando para receber os valores daquilo que se percebe. A Natureza é o Outro que se dirige a nós. A linguagem do diálogo que proporciona a compreensão do Outro.

Pois, conforme diz Grün (2010: 6):

“A linguagem é fundamental para compreender a nossa relação com a Natureza. Através da linguagem podemos compreender que não estamos fora da Natureza como apregoava Descartes. Tampouco estamos totalmente imersos na Natureza como implicam algumas leituras da Ecologia Profunda. Uma compreensão hermenêutica nos leva a perceber o que poderia ser uma relação ecológica entre seres humanos e Natureza. Seria uma relação na qual nós participamos na Natureza e a Natureza participa em nós, como dois círculos concêntricos. Esse tipo de compreensão nos permite estabelecer “Tecnologias de Aliança” com a Natureza para nos aproximarmos dela e, ao mesmo tempo, manter sua outriedade sempre respeitada. E nesse tipo de encontro saímos ambos modificados, nós e a Natureza”.

A sonoridade do universo aos que amam

Quando se torna relativamente autônoma, a vida cotidiana permite desenvolvimentos pessoais, em especial no que se refere ao amor. Dessa maneira o complexo do amor se democratiza — ele que inclui o seu tanto de mitologia e religião e torna aprazíveis as existências individuais.

E se, então, sonhamos com tais imagens, imagens de amor deixando-nos levar pela sedução das origens, descendo de algum modo ao jazigo das pedras preciosas e subindo de certa maneira até a esfera dos astros, firmamos um “céu dentro da terra” (Bachelard, 2001: 230). Um céu anil, pelo mar infinito, pela floresta profunda.

Assim o cristal desperta um materialismo da pureza. Bachelard (2001: 231) *apud* Victor Hugo “mesmo que o cristal quisesse macular-se não conseguiria.”

O amor é como um cristal, e o sonhador ama uma riqueza que não está à venda. Aliás, é exatamente importante constatar que o sonho nunca vende seus bens. Por vezes ele os dá, compartilha com quem possui também um cristal. E, lentamente, lapidando

simultaneamente seus cristais, nasce o amor, na claridade do firmamento de um sonho em comunhão.

E mais: “é preciso que a substância realize sua qualidade, que nos faça viver a posse de sua riqueza própria.” Bachelard (2001: 239). E o mais sólido dos cristais deve manter ativamente a sua solidez, tanto quanto o amor entre os homens. O espaço interior se funde um no outro.

A luz fica corporizada por esse devaneio ligado à matéria. O sonho do amor traz a luz no lugar da sombra. Uma luz imensa no belo espaço ocupado pelo corpo, que aos poucos revela sua intimidade entalhada em uma forma. O amor é um meio para a luz. Um modelo de união entre imagens e ideias. O amor, como o cristal, hipnotiza o olhar.

Essa força cósmica do cristal assume a sonoridade do universo aos que amam e aos enamorados pela vida.

Bachelard (2001: 245) diz: “Parece que, para certas almas tensas, o cristal é sentido em suas tensões, como uma matéria que vai estourar, que contém um fogo altamente explosivo em suas células.”

A contemplação imaginativa brilha e faz brilhar o olhar e, aqui, o brilhante do cristal encarrega-se de brilhar, sentindo a felicidade como um tônico que revigora a energia humana, em um transe de emoções originando um espetáculo da natureza.

“A imagem está sempre aí, mesmo quando se nega, mesmo quando retém seu impulso — privilégio da imaginação que é tão clara ao se ocultar como ao se mostrar.” (Bachelard, 2001: 251). E mais, “Doçura de ver admirando, orgulho de ser admirado, eis ligações humanas.” (Bachelard, 2006: 178).

No amor, o olhar é devolvido, é então uma verdadeira troca que por vezes tem sentido de uma troca substancial. É um cristal sonhado que se reaviva no centro de sua própria luz.

O amor que ofusca ao olhar é educabilidade ambiental na medida em que promove laços de transparência, que consagra a vida pela vida. Que norteia a cognição e os sentidos de comunhão entre os seres humanos. O amor nos reporta à imaginação e aos devaneios e nos ajuda a habitar o mundo.

Um mundo sonhado ensina-nos possibilidades de amor de nosso ser nesse nosso universo.

O amor nunca termina, se expressa quanto mais for sonhado, falado, escrito. Contudo, é preciso amar bastante as quimeras, pois este sentimento nasce a partir de uma força inacreditável da vida que transfigura a própria vida.

Viver é uma arte. Não é uma reta, mas um caminho sinuoso, às vezes cheio de curvas e obstáculos. O encantamento do viver está na oportunidade do aprendizado. Sem o amor, tudo que nos cerca não tem valor e nos seria indiferente, não teríamos prioridades, já que a vida é formada por decisões e ações, conforme a direção de nossos valores. E, essas decisões são determinadas pela relação amorosa com tudo que nos cerca: a família, os amigos, os educadores, o ambiente, a luz, a cor, a forma, os sorrisos e também as lágrimas.

O amor liga-nos ao outro e fortalece a nós mesmos.

O valor do mundo depende do nosso amor. E, os caminhos que conduzem ao amor estão presentes na educação ambiental. No eu e no outro. Afinal, a essência da vida humana é a vida com valor.

Comentário final

Rubem Alves nos ensina: “Compreendi que a vida não é uma sonata que, para realizar sua beleza, tem que ser tocada até o fim. Dei-me conta, ao contrário, de que a vida é um álbum de minissوناتas. Cada momento de beleza vivido e amado, por efêmero que seja, é uma experiência completa que está destinada à eternidade. Um único momento de beleza e de amor justifica a vida inteira.”

Portanto, precisamos escutar os sons que as vozes interiores trazem à tona na forma de atos de amabilidade, de comunhão e de sedução. Obedecer ao ritmo do espírito livre, livre para voar e sonhar.

Amar é contribuir para o mundo, cada contribuição sendo o traço vivo do eu que ama. (...) Amar diz respeito à auto-sobrevivência através da alteridade. E assim o amor significa um estímulo a proteger, alimentar, abrigar; e também à carícia, ao afago e ao mimo (...) Amar significa estar a serviço, colocar-se à disposição, aguardar a ordem. Mas também pode significar expropriar e assumir a responsabilidade (Baumann, 2004: 24)

Educar-nos ambientalmente nos conduz a laços de solidariedade que religa a humanidade ao uno, ao múltiplo e ao complexo, ao que é essencial: “a nossa própria essência: como o Amor”, diz Alves (2010). Os laços de amor permeiam o mundo dos sonhos, dos devaneios carregados de texturas e aromas.

O amor está presente no ser humano e, para ressignificar este sentimento, existem valores que fazem a diferença, que se fazem germinar no ato de educar, de compartilhar, quando juntos somos coadjuvantes

no semear de sonhos e desabrochar das sementes de amizade, de confiança, de solidariedade. O amor é o tempo do mundo contemplado e a elevação da dignidade do sentimento.

Em resumo, “uma flor, uma fruta, um simples objeto familiar vêm repentinamente solicitar que pensemos neles, que sonhemos perto deles, que os ajudemos a ascender ao nível de companheiros do homem”. (Bachelard, 2006: 148).

Trata-se de criar ambientes e situações cuja simbiose entre conhecimento e vida represente a conscientização da solidariedade do eu com o outro a fim de recriar um mundo amoroso no nosso planeta Gaia.

Referências

- ALVES, M.D.F. 2010. De professor a educador: contribuições da psicopedagogia. Disponível em: <http://www.edupsicotrans.net/visualizar.php?id=680713>. Acesso em 17/02/2010.
- ALVES, R. 2010. Concerto para corpo e alma. Disponível em: <http://www.rubemalves.com.br/Concertoparacorpoealma.htm>. Acesso em 17/02/2010.
- BACHELARD, G. 1993. A poética do espaço. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes.
- BACHELARD, G. 2001. A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças. 2. ed. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes.
- BACHELARD, G. 2006. A poética do devaneio. 2. ed. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes.
- BAUMANN, Z. 2004. Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- DUARTE Jr., J.F. 2006 O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível. 4. ed. Curitiba: Criar Edições Ltda.
- GRÜN, M. 2010. A outriedade da natureza na educação ambiental. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos/maurogrun.rtf>. Acesso 20/06/2010.
- GRÜN, M. 2007. Em busca da dimensão ética da educação ambiental. Campinas, SP: Papirus.

MISGELD, D. & NICHOLSON, G. (eds.). 1992.
Hans-Georg Gadamer on Education, Poetry, and
History: Applied Hermeneutics. Transl. Lawrence
Schmidt and Monica Reuss. Albany: SUNY Press.